

POLÍTICA

Amaro se destaca em pesquisa » 5



COLUNA

Os trágicos paradoxos brasileiros » 7



ESHOJE2

Viviane volta à Ufes em monólogo » 9



O serviço mais bem pago no Espírito Santo » 4



Ranking de salários no setor de serviços mostra áreas que são mais valorizadas

Criminosos miram falhas para dar golpe

Ataques digitais no ES têm explorado sobretudo sistemas desatualizados e acessos remotos expostos » 3



Ondas de Guarapari definem campeões

Praia do Morro será palco da final do Campeonato Brasileiro de Bodyboarding nas categorias sub-14 e sub-16 » 8

POR QUE A MAIORIA DAS GARRAFAS DE VINHO TÊM 750 ML?

Resposta envolve história, comércio, tradição e maneira de produzir » 10



FOTO DA SEMANA



JANSEN LUBE

Realizada no último fim de semana, a 3ª edição da Corrida e Caminhada Nossa Vitória, Nossa História, reuniu centenas de atletas e amantes da atividade física em um percurso de cinco quilômetros pelas ruas e pontos históricos do Centro de Vitória

EDITORIAL

Violência ameaça o ensino

Ensinar não deveria ser uma atividade de risco. No Brasil, porém, o professor entra em muitas salas de aula sem condições adequadas de trabalho, sem autoridade para conduzir a turma e sem proteção diante de ameaças e agressões.

O país que deveria amparar seus educadores permite que enfrentem quase sozinhos uma crise que compromete toda a comunidade escolar.

Os números mostram a gravidade do problema. Segundo a TALIS 2024, manter a disciplina é fonte de estresse para 63,8% dos professores brasileiros dos anos finais do Ensino Fundamental. A média da OCDE é de 44,8%. Mais da metade relata barulho perturbador e desordem. Com as interrupções, 21% do tempo de aula é gasto na tentativa de manter a ordem.

A indisciplina é apenas parte do quadro. Quase metade dos docentes ouvidos, 46,6%, afirmou sofrer estresse por ser intimidada ou ofendida verbalmente por alunos. O índice é quase três vezes maior que a média da OCDE e o mais alto entre os países latino-americanos analisados. Pesquisa do Centro de Estatística Aplicada da USP, em parceria com o sindicato dos profissionais municipais de São Paulo, revelou que 62,5% dos entrevistados já sofreram algum tipo de violência no trabalho.

Não são episódios isolados. Os casos de violência escolar triplicaram no país em uma década, segundo a FAPESP. Entre 2001 e 2025, 47 ataques de violência extrema em escolas deixaram 177 vítimas: 56 morreram e 121 ficaram feridas, conforme o boletim “Escola que Protege”. A escola precisa voltar a ser espaço de formação e segurança, não ambiente de medo.

A resposta do poder público continua aquém da urgência. Metade dos professores trabalha sob contratos temporários e somente 15,7% das escolas públicas conta com psicólogos. Nos anos finais do Ensino Fundamental, 30,8% das unidades não têm biblioteca e 79,7% não dispõem de laboratório de ciências.

Nesse cenário, responsabilizar o professor pelo fracasso da sala de aula é uma injustiça. Metodologias ativas, tecnologia e aulas dinâmicas podem contribuir para o aprendizado, mas não substituem segurança, estrutura, disciplina e respeito. Muito menos podem transferir ao educador a culpa pela violência que sofre. Nenhuma estratégia pedagógica justifica xinga-

mentos, ameaças ou agressões.

Enfrentar a crise exige valorizar a carreira, melhorar a infraestrutura, oferecer apoio psicológico e respaldo jurídico e recuperar lacunas de aprendizagem. É indispensável devolver ao professor autoridade para preparar aulas, conduzir a turma, avaliar o desempenho e aplicar as medidas previstas diante da indisciplina.

Famílias, escolas e Estado têm responsabilidades complementares. Os pais devem responder pela educação e pelo comportamento dos filhos; as escolas precisam de protocolos de prevenção e reação; e o poder público deve proteger os profissionais e responsabilizar os agressores.

Proteger o professor não é defender autoritarismo nem negar direitos aos estudantes. É garantir condições mínimas para ensinar e aprender. Se o Brasil continuar tolerando a violência, a precariedade e a desmoralização da carreira, perderá profissionais e agravará a crise educacional. Recuperar a dignidade docente é urgente. Sem professor respeitado, não existe escola capaz de cumprir sua missão.

ESPAÇO DO LEITOR

Professores sobrecarregados

Salta aos olhos a intensa transferência de responsabilidade do restante da sociedade para uma escola depauperada e para professores doentes e sobrecarregados. Enquanto isso, 33% dos municípios não cumprem a legislação que determina o piso do magistério, mais de 50% dos professores das escolas públicas são temporários com direitos reduzidos, apenas 15,7% das escolas públicas contam com psicólogos ainda existe a Lei nº 13.935/2019?, e a mencionada Lei Lucas segue amplamente desrespeitada por municípios e estados. Professores não são heróis, mas sim profissionais que merecem respeito. Não cabe cobrar da categoria poderes extra-humanos enquanto políticos, gestores e muitos pais lavam as mãos e transferem responsabilidades. É preciso proporcionar condições dignas de vida e de trabalho, devolver autoridade aos docentes e valorizar o conhecimento escolar, base de todas as competências e habilidades; do contrário, a profissão permanecerá eternamente inviabilizada e presa a uma teia inexpugnável de abandono e impotência, condenando o país ao eterno atraso civilizatório.

Arthur Furtado

Criança e o cinema

A grande tela opera como um catálogo de alteridade. Ao habitar histórias que ultrapassam o seu horizonte geográfico e cultural imediato, a criança aprende a enxergar através de olhos que não são os seus. Esse exercício constante de imaginação expande os limites do mundo interno dos pequenos, ensinando que a vida pode ser contada e vivida de infinitas formas. O cinema ensina que todo conflito traz consigo a possibilidade de uma narrativa, oferecendo contornos visíveis para sentimentos abstratos que as crianças muitas vezes ainda não sabem nomear. Cultivar o afeto pela arte desde os primeiros anos de vida não é sobre acumular repertório acadêmico ou técnico, mas sobre ensinar a criança a se encantar com o mundo. O hábito de se mover até a grande tela forma olhares mais atentos, sensíveis e capazes de sustentar o tempo da contemplação. Ensinar uma criança a amar o cinema é, em última análise, lembrá-la de que as coisas mais bonitas da

existência exigem movimento, presença e a coragem de sentar no escuro para ver o mundo acender de novo.

Poliana Maluf

Juventude e esperança

Parece existir uma crise na saúde mental dos jovens. O que está acontecendo com eles? Muitas hipóteses são possíveis. A depressão acomete mais mulheres que homens (para cada 3 casos de depressão, 2 são em mulheres), segundo a OMS, mas a taxa de suicídio no Brasil é bem maior em homens do que em mulheres (para cada 10 pessoas que tiram a própria vida, quase 8 são homens), de acordo com a SVSA. Alguém poderia argumentar algum fator cultural, como o machismo e a maneira que os homens são ensinados a lidar com as próprias emoções (e que isso afetou os jovens de uma maneira diferente mais recentemente). Alguém poderia comentar que fatores econômicos, como a dificuldade de um jovem ter um carro e uma casa, poderiam ser um fator (avanço da inflação e de políticas neoliberais). Alguém poderia argumentar que o advento das redes sociais de algum modo aumentou o sofrimento dos jovens (talvez através do aumento da insatisfação com a imagem corporal, por exemplo). Em algum nível, todas essas hipóteses parecem promissoras. Possivelmente, de caso a caso, uma razão tenha mais influência que outras. Mas como manter então os caminhos da esperança? Mudanças estruturais possivelmente vão transformar a vida de muita gente (alguém poderia falar de políticas públicas como psicoeducação nas escolas, diminuição das taxas de juros, mais acesso e permanência à educação, etc.). Numa dimensão mais subjetiva e individual (mas não só), Belchior talvez nos dê pistas. “Viver é melhor do que sonhar e eu sei que o amor é uma coisa boa”. “Amar e mudar as coisas me interessa muito mais”. “Sonho e escrevo em letras grandes de novo”. Por um lado, dar um jeito de viver uma vida significativa, com amor e mudança do que pode ser mudado. Sonhar, ter esperança, mas não deixar de viver. E o que vai ser essa mudança? Essa é a pergunta de uma vida, e talvez não exista receita de bolo.

Igor Almeida

Hackers escolhem a falha, não a vítima

Ataques digitais oportunistas exploram senhas vazadas, sistemas desatualizados e acessos remotos expostos; saiba como se prevenir

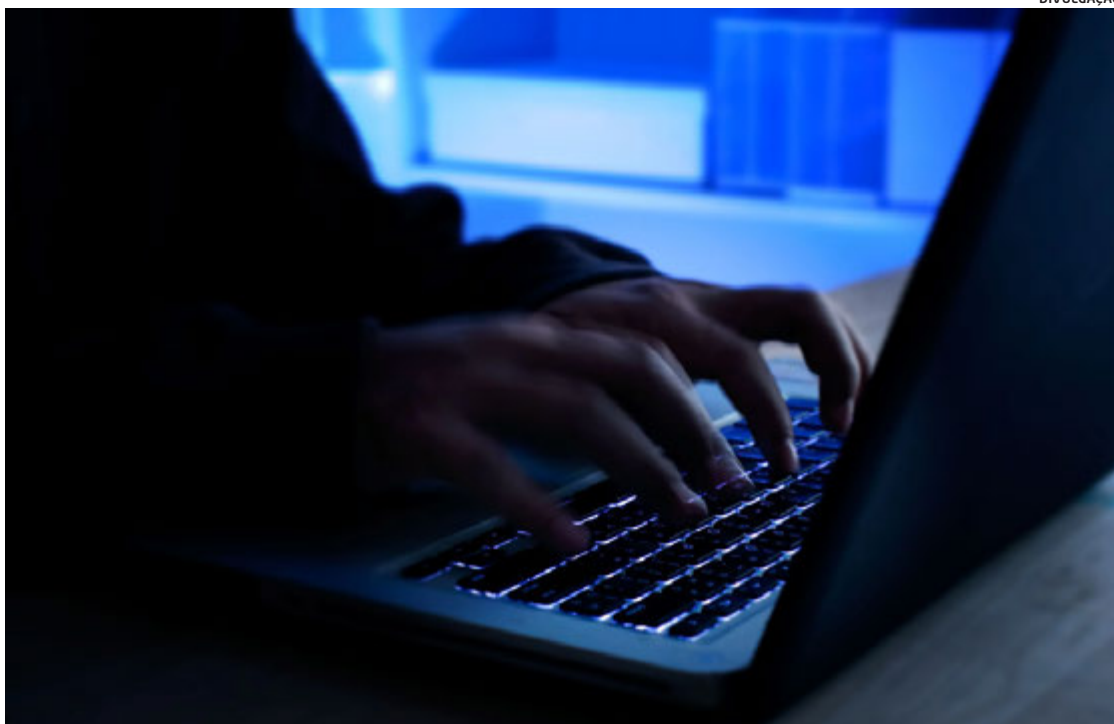
GIULIA REIS

jornalismo@eshoje.com.br

Por trás de uma tela, um ataque pode começar com curiosidade, passar pelo desafio de vencer uma barreira e terminar em uma invasão capaz de provocar prejuízos. Em meio aos recentes casos de ataques cibernéticos registrados no Espírito Santo, entender o que está por trás desse comportamento passa também por fatores psicológicos.

Para a neuropsicóloga Jaqueline Amaro Maia, não existe uma única motivação para quem utiliza conhecimento técnico para invadir um sistema. “São diversos fatores relacionados a um ataque cibernético, como a busca por reconhecimento, o desejo de demonstrar competência, necessidade de pertencimento a grupos, ideologias, ressentimento, curiosidade, ganhos financeiros e vontade de desafiar autoridades”, explica.

O ambiente em que essa pessoa está inserida também importa. Comunidades virtuais podem validar condutas ilícitas, criar uma identidade coletiva e diminuir a



DIVULGAÇÃO

Psicóloga explica que o anonimato é um dos fatores que leva pessoas a aplicar golpes digitais

percepção de culpa individual. Outro elemento central é o anonimato. A distância física entre o autor e a vítima pode reduzir a percepção sobre os riscos e as consequências do ato.

“O anonimato digital atua como uma espécie de ‘anestesia social’. Ele alimenta o que a psicologia chama de Efeito de Desinibição Online e Desindividuação. Atrás de uma tela, o indivíduo experimenta uma falsa sensação de blindagem e impunidade, o que reduz drasticamente a sua percepção de risco e das consequências reais dos seus atos”, afirma.

Isso não significa que exista um perfil psicológico único para quem pratica crimes cibernéticos. Os fatores comportamentais não bastam para diagnosticar ou justificar uma conduta criminosa. “Em qualquer dos casos, invadir um sistema sem autorização é ilegal e pode causar danos reais”, alerta.

DINHEIRO É MOTIVAÇÃO

Se a psicologia ajuda a entender as possíveis motivações, a rotina policial mostra que, na prática, o dinheiro ainda é o principal motor dos crimes cometidos pela internet. Segundo o delegado Brenno Andrade, titular da Delegacia Especializada de Repressão aos Crimes Cibernéticos, a maioria das ocorrências é de crimes patrimoniais que apenas mudaram de meio.

“O estelionatário que abordava a vítima na rua, hoje a aborda pelo WhatsApp. Falsa central bancária, golpe do falso funcionário, perfil clonado pedindo Pix ‘urgente’, fal-

so investimento com promessa de rentabilidade impossível, loja e leilão falsos, boleto adulterado. O crime não mudou de natureza; mudou de meio, e, ao mudar de meio, ganhou escala”, explica.

Os dados roubados também podem alimentar novos golpes. “O vazamento de hoje é o golpe de amanhã. Quando a falsa central liga sabendo seu nome completo, CPF, número do cartão e a data da última compra, essa ‘credibilidade’ veio de uma base vazada. O ataque ao CNPJ termina no bolso do CPF”, explica.

Muitos ataques são oportunistas e exploram sistemas vulneráveis.

“O criminoso varre a internet de forma automatizada procurando porta aberta, um acesso remoto exposto, uma senha vazada, um sistema sem atualização, e ataca o que encontrar. O criminoso raramente escolhe a vítima, ele escolhe a vulnerabilidade”, afirma.

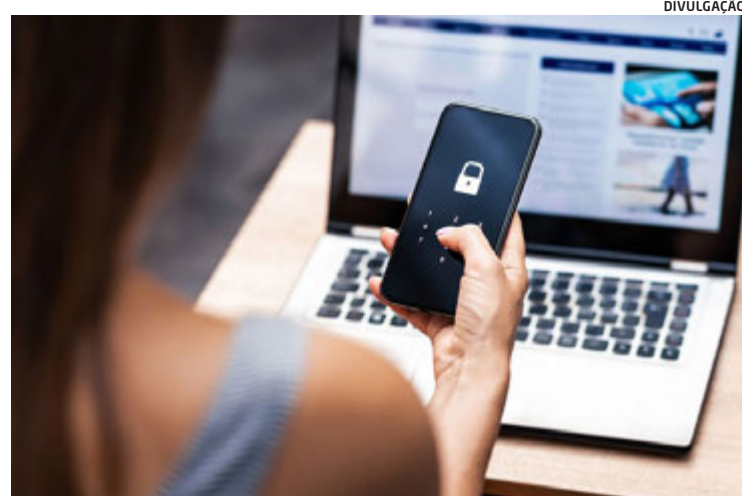
“Os alvos são escolhidos a partir de sua vulnerabilidade e capacidade de retorno”

Menos risco e mais recompensa

PARA O mestre em Segurança Pública Rusley Medeiros, a migração de práticas criminosas para o ambiente digital está relacionada à redução da exposição física do autor. No ambiente virtual, o criminoso pode agir à distância, sem contato direto com a vítima e com menor percepção de risco.

A escolha das vítimas segue uma lógica conhecida pela criminologia. O alvo não é necessariamente definido por ser empresa, órgão público ou pessoa física, mas pela vulnerabilidade e possibilidade de retorno. “Os alvos são sempre escolhidos a partir de sua vulnerabilidade e capacidade de retorno”, afirma.

“O crime não é mais só nas ruas, mas dentro de casa. Não é mais nas calçadas, mas na palma da



DIVULGAÇÃO

Crimes patrimoniais dispararam no mundo virtual, nos últimos anos

mão. Os celulares e a internet se tornaram ambientes propícios para práticas criminosas. Os tempos

“Todo golpe, sem exceção, fabrica urgência”

PARA QUEM sofre um golpe com movimentação financeira, a orientação é agir rapidamente. Brenno recomenda procurar o banco, solicitar o bloqueio e, em casos envolvendo Pix, pedir o acionamento do Mecanismo Especial de Devolução, o MED. Também é importante preservar as provas e registrar o boletim de ocorrência pela Delegacia On-line da Polícia Civil.

“Todo golpe, sem exceção, fabrica urgência. O parente em apuros, a conta que será bloqueada ‘agora’, a oferta que acaba ‘hoje’, o falso funcionário que precisa da confirmação ‘imediatamente’. No golpe, a pressa nunca é sua, é sempre de quem está do outro lado”, alerta.

SAIBA MAIS

COMO AGIR DEPOIS DE UM GOLPE

- **Se** houve transferência por Pix, procure o banco imediatamente e solicite o bloqueio e o acionamento do Mecanismo Especial de Devolução (MED).
- **RECUPERE** o controle das contas, começando pelo e-mail, troque as senhas e ative a verificação em duas etapas.
- **PRESERVE** as provas antes de apagar conversas ou bloquear contatos.
- **GUARDE** conversas completas, comprovantes de transferência, identificadores das transações, chaves Pix, números de telefone e URLs de perfis ou páginas envolvidas.
- **Em** caso de e-mails, preserve a mensagem e, se possível, o arquivo original. Guarde também boletos e arquivos recebidos.
- **REGISTRE** um boletim de ocorrência pela Delegacia On-line da Polícia Civil ou presencialmente.

“O criminoso varre a internet de forma automatizada procurando porta aberta, um acesso remoto exposto, uma senha vazada, um sistema sem atualização, e ataca o que encontrar”

BRENNO ANDRADE, delegado



DIVULGAÇÃO

R\$ 5,3 mil é o salário médio na tecnologia do ES

Ramo lidera o ranking de salários no setor de serviços capixaba, segundo relatório do IBGE

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
redacao@eshoje.com.br

Os trabalhadores de serviços de informação e comunicação estão no segmento com a maior remuneração média entre as empresas de serviços não financeiros do Espírito Santo. Em 2024, o salário médio mensal do grupo chegou a 3,3 salários mínimos, segundo a Pesquisa Anual de Serviços (PAS), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A diferença é significativa em relação à média de todo o setor, que ficou em dois salários mínimos mensais. Na outra ponta do ranking estão as atividades imobiliárias, com média de 1,1 salário mínimo, e os serviços prestados principalmente às famílias, com 1,2.

Ao todo, as empresas de serviços não financeiros pagaram R\$ 9,64 bilhões em salários, retiradas e outras remunerações no Espírito Santo.

NÚMEROS NO ES

3,3

Salários mínimos é média salarial dos trabalhadores da tecnologia

2 salários

Mínimos é a média salarial no setor de serviços capixaba

to em 2024. O levantamento contabilizou 260.730 pessoas ocupadas em 30.025 empresas.

Apesar de liderar em remuneração, informação e comunicação está longe de ser o segmento que mais emprega. O grupo reunia 17.621 trabalhadores em 2.084 empresas e movimentou R\$ 6,55 bilhões em receita bruta no Estado em 2024.

O maior contingente de trabalhadores estava nos serviços profissionais, administrativos e complementares, com 92.630 pessoas ocupadas. Mesmo concentrando 35,5% dos empregos pesquisados, o segmento apresentou salário médio de 1,9 mínimo.

Em seguida aparecem transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio, com 67.654 trabalhadores e remuneração média de 2,4 salários mínimos.

SERVIÇOS ÀS FAMÍLIAS

Outro contraste aparece nos serviços prestados principalmente às famílias. O segmento empregava 52.605 pessoas, aproximadamente três vezes o contingente registrado em informação e comunicação, mas tinha salário médio de apenas 1,2 mínimo.

Grande parte desses trabalhadores estava em alojamento e alimentação, atividade que reunia 40.315 pessoas em 3.239 empresas. Nesse grupo, a remuneração média também ficou em 1,2 salário mínimo.



DIVULGAÇÃO

O Espírito Santo possui mais de 17 mil trabalhadores da informação e comunicação em atividade

SAIBA MAIS

Veja o ranking dos salários

- **SERVIÇOS** de informação e comunicação: 3,3 salários mínimos;
- **TRANSPORTES**, serviços auxiliares aos transportes e correio: 2,4 salários mínimos;
- **OUTRAS** atividades de serviços: 2,4 salários mínimos;
- **SERVIÇOS** de manutenção e reparação: 2,1 salários mínimos;
- **SERVIÇOS** profissionais, administrativos e complementares: 1,9 salário mínimo;
- **SERVIÇOS** prestados principalmente às famílias: 1,2 salário mínimo;
- **ATIVIDADES** imobiliárias: 1,1 salário mínimo.

Gás não terá entrega aos domingos

QUEM PRECISAR comprar um botijão de gás de cozinha aos domingos no Espírito Santo terá que buscar o produto diretamente em uma revenda. Desde 1º de agosto, as entregas de GLP em residências estão proibidas nesse dia da semana.

A mudança faz parte da nova Convenção Coletiva de Trabalho firmada entre o Sindicato dos Revendedores de Gás GLP do Espírito Santo (Sinregás-ES) e o Sindicato dos Trabalhadores no Comércio de Minérios e Derivados de Petróleo do Estado do Espírito Santo (Sitramico-ES).

Na prática, as vendas podem abrir aos domingos e continuar vendendo gás. O que não pode mais acontecer é o botijão sair do estabelecimento para ser entregue na casa do cliente.

A restrição vale para os profissionais que fazem esse tipo

de serviço, como entregadores, motoristas e ajudantes. As empresas também não podem contratar trabalhadores autônomos, freelancers, terceiros ou outras empresas para fazer as entregas nesse dia.

A forma como o cliente faz a compra não muda a regra. Mesmo que o pedido seja feito por aplicativo, plataforma digital ou outro sistema eletrônico, o botijão não poderá ser levado até a residência aos domingos.

Para comprar o produto nesse dia, o consumidor terá que ir pessoalmente à revenda. Segundo o Sitramico-ES, haverá atendimento na portaria do estabelecimento, com um funcionário responsável pela venda.

MUDANÇA APÓS NEGOCIAÇÃO

De acordo com o Sitramico-ES, a proposta discutida inicialmente era fechar as reven-

das aos domingos. Durante as negociações, porém, os sindicatos decidiram manter a venda do gás por se tratar de um produto considerado essencial. Com isso, o acordo acabou restringindo apenas as entregas em domicílio.

Embora a regra já esteja valendo, as empresas terão 90 dias, a partir de 1º de agosto, para ajustar as operações.

Depois desse período, o descumprimento da convenção poderá resultar em uma multa equivalente ao salário do trabalhador envolvido na entrega irregular. O valor será dividido entre o empregado prejudicado e o Sitramico-ES.

A regra ainda não é definitiva. Segundo o sindicato, a questão deverá voltar a ser discutida na próxima negociação da Convenção Coletiva de Trabalho no ano que vem.



DIVULGAÇÃO

Mudança faz parte de nova Convenção Coletiva de Trabalho

BASTIDORES DA POLÍTICA

Pesquisa séria

A desembargadora Eliana Junqueira Munhos Ferreira indeferiu, em mais um processo contra o Instituto de Pesquisas Perfil – responsável por todas as pesquisas eleitorais publicadas por **ES Hoje** – pedido para invalidação ou impedimento de publicação. As tentativas de barrar a pesquisa e solicitar sigilo ou exibição de documentos foram desconsideradas pela magistrada.

Pleito agressivo

As eleições 2026 estão sendo uma das mais agressivas. Teve até internação por infarto, durante discussão acalorada na cidade de Cariacica. O município tem protagonizado situações assustadoras. Terrorismo!

Calmante

Vereador com três mandatos, tendo presidido a mesa diretora da Câmara de Cariacica, Cesar Lucas tem tido papel importante nas eleições 2026, sem mesmo concorrer: acalmar os ânimos dos colegas e aliados. “Se o clima é agressivo, chama Cesinha”, brincou aliado.

Sem transferência

A coluna teve acesso a uma pesquisa eleitoral contratada por grupo político para medir, sobretudo, como está a “transferência” de votos dos prefeitos. A situação não surpreende: a eleição só começou para quem está nela. Para a população só está começando.

Cariacica

O estudo, que não foi registrado, mas “consumo interno”, identificou que no município de Cariacica os nomes mais lembrados pela população na disputa de deputado estadual são Capitão Assunção (PL) e Karla Coser (PT). Já para vaga na Câmara Federal se destacam João Coser (PT), Amaro Neto (Progressista) e Marcelo Santos (União Brasil).

Vitória

Na cidade de Vitória, as candidaturas de Karla Coser (PT) e Capitão Assunção (PL) seguem liderando para a Assembleia Legislativa, enquanto para deputado federal

Amaro Neto parece caminhar para a reeleição com apoio dos eleitores da Capital, juntamente com João Coser (PT).

Vila Velha

O estudo de consumo interno contratado por grupo aponta ainda que em Vila Velha Dr. Hercules, Capitão Assunção e Danilo Bahiense se destacam para a Ales e, com Coser e Amaro, a candidatura de Coronel Ramalho (Republicanos).

Levantamento serrano

Na Serra, a pesquisa mostra que, se as eleições fossem hoje, o deputado estadual Pablo Muribeca (Republicanos) seria reeleito juntamente com Capitão Assunção (PL) e Audifax (Progressista) ganharia uma cadeira na Assembleia Legislativa. Para deputado federal se destacam Serginho Vidigal (Podemos), seguido, novamente, por Amaro Neto.

3 é demais!

Em collab, os canais do YouTube de **ES Hoje** e Sala de Deci-

são estão publicando ‘3 é demais!’, quadro sobre as eleições 2026 que promove entrevistas com os candidatos ao Senado, analisadas por Danieleh Coutinho, Giuliano Cavatti e Fernando Carreiro. Os primeiros entrevistados, Professor Fabian (PSOL) e Monjardim (Novo), falaram sobre as “traições” na direita e na esquerda política capixaba.

Cadê PH?

Quem também já passou pela sabatina em ‘3 é demais!’ foi Sergio Meneguelli (PSD), que antes da gravação disse não saber o paradeiro do ex-governador Paulo Hartung, mas comentou: “Você não sabe, nem eu. Mas ele deixou o partido em situação difícil”. Após semanas “mergulhado”, PH publicou vídeo “falando sem dizer” sobre as eleições.

Compromisso

Em conversa de bastidor, Meneguelli se diz um político de centro e comprometido com Renzo Vasconcelos: se eleito, não se desfilará do PSD

durante os 8 anos de mandato. Se perder, não concorrerá a prefeito em 2028.

E aí, Contarato?

Em participações nos eventos de candidatos do PT e do PSOL, o senador e candidato à reeleição, Fabiano Contarato (PT) tem repetido: “estou animado para apertar 13 para presidente, 133 e 500 para o Senado, 13 para Helder governador, e...”, quando fala o número do candidato a estadual ou federal anfitrião. Contudo, o voto para estadual e federal é um só. Já para senador, embora fale de Fabian, vai com o partido e dará o segundo voto a Renato Casagrande (PSB)

Reforço do PL

Darcio Bracarense, que é vereador de Vitória e candidato a deputado estadual, é uma das apostas mais fortes do PL, e terá o lançamento da sua candidatura em 2 de setembro com as participações de Rafael Satiê, e virtual de Carlos Bolsonaro, Carla Zambelli e Alexandre Ramagem.

Publicação Legal é aqui

 <https://eshoje.com.br/noticias/publicacao-legal/>

Impresso e digital diários

Contato:

bianca@eshoje.com.br/

27 99744-6251



ESHOJE®

ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

ORGÃOS PÚBLICOS DO ES:

Garanta total
conformidade e
ampla publicidade
com o ESHOJE.

- A Lei nº 14.133/2021 exige a publicação em jornal de grande circulação.



Atendimento ágil, segurança jurídica
e total conformidade legal.

ESHOJE[®]



Do impresso ao digital **a gente te conecta com a notícia.**

HUGO BORGES

João Gualberto
Redação@eshoje.com.br



A magia do segundo voto

Durante todo o período democrático, que se estendeu de 1945, com a queda de Getúlio Vargas, até 1964, ano do Golpe Militar, a política do Espírito Santo esteve polarizada entre o PSD – Partido Social Democrático – e os seus rivais, organizados na Coligação Democrática, com a presença marcante da UDN – União Democrática Nacional.

Sem dúvida alguma, Carlos Lindenberg dividia com Jones dos Santos Neves o protagonismo eleitoral do PSD, partido que permaneceu mais tempo no poder.

Jones foi interventor em 1943 e, depois, governador eleito em 1951, além de senador da República. O grande articulador dos votos, a grande liderança do interior, era Carlos Lindenberg, duas vezes governador e outras duas vezes senador, além de deputado federal. Dr. Carlos terminou seu último mandato como governador em 1962, ano em que renunciou para candidatar-se ao Senado.

Nessa eleição de 1962, Dr. Carlos caiu numa pegadinha da eleição ao Senado com dois votos. Ele, a liderança mais importante da política

capixaba daquela época, perdeu, para a surpresa de todos, a eleição. Mas, por quê? Como era o candidato mais forte, pediu o seu voto e deixou o eleitor escolhesse o seu segundo candidato. Os mais populares eram Raul Giuberti e Eurico Rezende, que não queriam fortalecer a candidatura de Lindenberg e pediram o segundo voto entre si. Resultado: os dois se elegeram, deixando a candidatura favorita para trás. Quem já havia escolhido Lindenberg dividiu seu segundo voto, e quem tinha um dos dois outros candidatos como primeiro voto não destinou voto a Lindenberg.

Esse antigo caso da política capixaba me ocorreu agora, em função da eleição que se aproxima, que também permitirá dois votos. Por

todas as evidências, o candidato favorito na corrida senatorial é o ex-governador Renato Casagrande, e uma questão importante para os demais postulantes é saber quem o eleitor que já escolheu Casagrande escolherá como segunda alternativa. Pela lógica da política brasileira, entre os candidatos já lançados, os eleitores mais à esquerda devem escolher o já senador Contarato. Os de direita têm mais opções: Marcos Do Val, Sérgio Meneguelli, Rose de Freitas, entre os mais alinhados com a candidatura de Casagrande.

Enquanto isso, do lado da chapa de Pazolini, saíram dois candidatos que, até o momento, estão 100% alinhados ao bolsonarismo: Maguinha Malta, filho do atual senador Magno Malta, e Evair de Melo, deputado federal com bons serviços prestados ao estado, mas fã absoluto de Jair Bolsonaro e ativista do impeachment do Ministro Alexandre de Moraes, do STF. Parece que as duas candidaturas de extrema-direita estão fechadas numa dupla bem firme.

Caso a dupla bolsonarista não fa-

ça movimentos em direção ao eleitor de Casagrande no primeiro voto e se feche contra a centro-esquerda, corre o risco de afugentar o eleitor moderado de Casagrande na primeira escolha. Se isso acontecer, esses votos vão se destinar a Sérgio Meneguelli, à direita, e a Contarato, à esquerda, como já assinalai, derrotando os dois direitistas.

Não estou querendo afirmar que isso ocorrerá. Quero chamar a atenção dos meus leitores para o fato de que existe uma aritmética eleitoral simples nas candidaturas que disputam o segundo voto do eleitor já definido por Renato no primeiro. Penso que isso deve ser levado em conta nos planejamentos de campanha, que agora começam a se materializar em panfletos, publicações nas redes sociais, discursos e outros elementos que cestroem a imagem de um candidato.

Claro que não estou dizendo que alguém que vem batendo em Casagrande de forma sistemática há muitos anos, ou mesmo que tenha uma defesa intransigente do impe-

achment dos ministros do supremo, deva mudar agora de postura. Não se trata disso, até porque o eleitor não costuma ser bobo e percebe bem esses oportunismos de última hora. É outra a minha tese, e bem mais simples.

É a tese da compreensão das razões do voto dos eleitores. As complicadas ilações ideológicas não pertencem ao universo das pessoas simples; elas, antes, fazem raciocínios mais imediatos no campo da simpatia pessoal ou nos benefícios que recebeu do governante. Como o atual governo do estado teve muito tempo – afinal, foram três mandatos – para distribuir favores, existem muitos a serem retribuídos. O alinhamento com esses favores pode ser de várias ordens, desde emendas parlamentares até o reconhecimento da importância de obras e outras ações governamentais.

Enfim, há uma magia no segundo voto de qualquer um dos candidatos quanto ao destino do segundo voto. Usei exemplos para justificar essa mensagem, só isso.

COLUNA FEU ROSA

A escuridão

O Brasil é um país de contrastes! Aos seus 7.491 km de litoral, por exemplo, corresponde uma indústria naval ainda modesta. Pode explorar mais de 3,6 milhões de km² de oceano, sem falar nos tantos rios que o cortam, porém importa um terço do pescado consumido.

Li que há uns 150 anos é o maior produtor mundial de café, produto que paradoxalmente importa - a peso de ouro - de países que não dispõem de um único pé deste vegetal! Somos um dos maiores produtores de cacau do planeta (até onde li o 6º maior), mas importamos caríssimos chocolates de países que não contam com sequer um pé do dito cujo.

Descobri que somos o segundo maior produtor de minério de ferro do mundo - e importamos trilhões para nossas poucas ferrovias que, por sua vez, contrastam com as dimensões continentais do nosso país, percorrido diuturnamente por caminhões mil.

O Brasil é um grande produtor e exportador de petróleo - mas soube que importa combustíveis até da Bélgica, que não produz um único barril do "ouro negro". Dizem que a culpa é das características do nosso parque de refino. Nosso país ocupa 8.516.000 km². Venta muito nele. Isto resulta em um potencial de energia eólica estimado em 500 GW - suficiente para alcançar o triplo da matriz atual.

Com tanto espaço, o Brasil recebe, além de vento, muita luz solar. Calcu-

lou-se serem mais de 2.200 horas anuais de insolação, equivalentes a 15 trilhões de MW. Só os telhados das casas brasileiras, sem usar sequer 1 m² a mais de área, poderiam gerar 164 GW - quase equivalente à capacidade atualmente instalada, de 170 GW!

Há também aquele espaço ocupado pelos lagos de hidrelétricas. Se aproveitado com sistemas de painéis solares flutuantes poderia gerar 4,4 TW. Calculou-se, enfim, que o potencial solar brasileiro como um todo poderia atender a demanda de energia elétrica de 170 países semelhantes ao nosso!

Enquanto isso li, dia desses, que o Brasil ainda importa energia elétrica e caminha para ter a tarifa mais cara do planeta - ocupamos, hoje, o segundo lugar. Pense nos prejuízos que daí decorrem para a economia como um todo.

Enfim, em um quadro tão confuso, sirva-nos de paroxismo o caso da capital brasileira banhada pelo rio Amazonas - o maior do mundo em volume de água - cuja população, pelos jornais, reclama constantemente de... falta de água!

PEDRO VALLS FEU ROSA
Desembargador do TJES

ARTIGO

Autonomia construída

Na última semana, tive a alegria de participar de uma roda de conversa promovida pelo Colégio CEVIP, em Cariacica, com um tema que considero essencial para todas as famílias: "Autonomia, responsabilidade e projeto de vida: como preparar nossos filhos para um futuro de escolhas conscientes".

Ao lado de outros profissionais, conversamos sobre uma pergunta que muitos pais carregam: como criar filhos mais responsáveis, confiantes e preparados para a vida?

Durante nossa conversa uma reflexão me marcou: Muitos pais desejam que seus filhos sejam responsáveis, organizados e independentes. Mas essas características não aparecem de repente na adolescência ou quando completam 18 anos.

Autonomia não nasce pronta. Ela é construída. Autonomia não significa deixar a criança fazer tudo sozinha. Significa ensinar, acompanhar e, aos poucos, permitir que ela assuma responsabilidades compatíveis com sua idade.

Na prática, isso começa muito antes do que imaginamos. Começa quando a criança guarda os brinquedos, organiza a mochila, prepara o uniforme no dia anterior, leva o prato até a pia, cuida do próprio material. Aprende que esquecer um caderno pode trazer consequências. Essas pequenas experiências são verdadeiros treinos para a vida.

Muitas vezes, na tentativa de proteger nossos filhos, acabamos fazendo por eles aquilo que eles já poderiam aprender a fazer sozinhos. Arrumamos a mochila. Levamos o material esquecido até a escola. Resolvemos conflitos antes mesmo que tentem resolvê-los. Fazemos a atividade porque "é mais rápido".

Sem perceber, transmitimos uma mensagem silenciosa: "Você ainda não é capaz". Mas proteger não é impedir que a criança enfrente desafios. É es-

tar por perto enquanto ela aprende a enfrentá-los.

Falamos também sobre responsabilidade. É gostoso de pensar que ela se desenvolve nos hábitos. Nos combinados. Na repetição. Na confiança.

Quando uma criança percebe que consegue realizar pequenas tarefas sozinha, algo muito importante acontece dentro dela: ela fortalece sua autoestima. Ela começa a acreditar: "Eu consigo!". E essa confiança acompanha a criança na escola, nas amizades, na vida profissional e nas decisões que tomará no futuro.

Educar exige tempo. Exige paciência. Exige permitir que eles errem. Porque é justamente nos pequenos erros da infância que eles aprendem a lidar com os grandes desafios da vida adulta.

Se queremos formar adultos responsáveis, precisamos oferecer oportunidades para que nossas crianças assumam responsabilidades desde cedo. Não responsabilidades pesadas, mas aquelas compatíveis com cada fase do desenvolvimento.

Afinal, autonomia não é fazer tudo sozinho. É saber que alguém acredita em você enquanto aprende.

Talvez o maior presente que possamos dar aos nossos filhos não seja resolver todos os seus problemas, mas mostrar que eles são capazes de encontrar soluções. E, como costumamos dizer: mentes saudáveis criam um mundo melhor.

MARIA TEREZA SAMORA
Psicopedagoga Clínica

Guarapari recebe final do Brasileiro de Bodyboarding

Ondas da Praia do Morro definirão os campeões nacionais nas categorias Sub-14 e Sub-16

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
redacao@eshoje.com.br

A Praia do Morro recebe, nos dias 29 e 30 de agosto, as disputas decisivas do Campeonato Brasileiro de Bodyboarding nas categorias Sub-14 e Sub-16. A competição reunirá 60 atletas de estados como Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco, em um fim de semana de esporte e turismo em Guarapari.

O retorno da competição a Guarapari, 24 anos depois, marca um momento especial para o esporte no município e reforça a relação histórica da cidade com o bodyboarding. Entre os capixabas, o destaque fica para Guilherme Montenegro, de Vila Velha, vencedor de uma etapa do Mundial Pro Junior no Peru. Kauã Raich e João Guilherme também estão entre os atletas que disputam o título nacional em Guarapari.

Além de incentivar a formação de novos talentos do bodyboarding, o evento reforça a vocação de Guarapari para o esporte e contribui para o fortalecimento do turismo esportivo no município, movimentando a cidade e atraindo atletas, familiares e visitantes.

O prefeito Rodrigo Borges acompanhará as disputas na Praia do Morro e destacou o orgulho em ver o campeonato novamente em Guarapari.

“É um orgulho danado ver es-



Competição reunirá 60 atletas de estados como Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco, além dos capixabas, que brigam por títulos

se campeonato voltando para Guarapari depois de 24 anos. A nossa cidade tem uma história muito forte com o bodyboarding e com os esportes de praia, e poder acompanhar de perto essa retomada, principalmente com tantos jovens atletas participando, é motivo de muita alegria. Queremos que Guarapari volte a ser cada vez mais palco de grandes competições e que nossos atletas e toda a população possam viver esses momentos”, afirmou.

Para o secretário municipal de Esporte, Lennon Monjardim, receber competições nacionais reforça o potencial de Guarapari para unir esporte, turismo e desenvolvimento.

“Guarapari tem uma relação muito forte com o bodyboarding e receber uma etapa nacional reforça esse potencial. Eventos como esse movimentam a economia, atraem visitantes e ajudam a consolidar o município como destino de turismo esportivo, além de incentivar nos-

as crianças e jovens a praticarem esporte e sonharem com novos caminhos”, destacou.

CATEGORIAS

Realizado pela Federação de Bodyboarding do Espírito Santo (FEBES), o circuito conta com apoio da Prefeitura de Guarapari e de parceiros públicos e privados. As disputas acontecem no sábado (29) e domingo (30), das 7h30 às 15h, na Praia do Morro. A programação inclui as categorias Sub-14 e Sub-16, que terão su-

as decisões em Guarapari.

Já as categorias Open Masculino, Open Feminino e Sub-18 Masculino terão suas decisões na etapa final do Circuito Brasileiro, que será realizada em Búzios (RJ), entre os dias 26 e 29 de novembro. O evento reforça o calendário esportivo de Guarapari e a estratégia do município de ampliar a realização de competições que movimentam a economia, valorizam os atletas e fortalecem a cidade como destino de turismo esportivo.



“Guarapari tem uma relação muito forte com o bodyboarding e receber uma etapa nacional reforça esse potencial”

LENNON MONJARDIM, secretário

Corrida no Aeroporto de Linhares

A PISTA do Aeroporto de Linhares receberá mais de 700 corredores na noite de 12 de setembro. Em vez de pousos e decolagens, o espaço será usado para uma prova de sete quilômetros, com acesso restrito aos atletas previamente credenciados.

Segundo a organização, as negociações para realizar o evento começaram em janeiro. A utilização do local foi autorizada pela Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero).

O espaço aéreo de Linhares ficará fechado para a realização da corrida. Nesta quinta-feira (27), uma visita técnica será feita para reconhecer a pista e demarcar o percurso.

Durante a prova, o sistema de iluminação noturna do aeroporto permanecerá ligado. Por ques-



A prova acontecerá à noite e receberá mais de 700 corredores

tões de segurança, somente atletas credenciados pela Infraero terão acesso à pista do aeroporto.

“Com as inscrições dos atletas finalizadas, agora a organização e o comando do aeroporto farão o credenciamento de cada parti-

cipante”, destaca o organizador Pedro Gatti.

A corrida contará com um pelotão formado por policiais militares, guardas civis municipais, bombeiros e agentes do Instituto de Atendimento Socioeducati-

vo do Espírito Santo (Iases).

A organização informou que os itens entregues aos corredores terão referências à aviação. A medalha será produzida no formato de uma aeronave, o troféu terá elementos associados à decolagem e o número de peito será semelhante a um cartão de embarque.

Serão premiados os cinco primeiros colocados das categorias masculina e feminina, divididas por faixas etárias entre 16 anos e 60 anos ou mais. A competição também terá categorias destinadas a pessoas com deficiência.

Todos os atletas que completarem o percurso receberão uma medalha de participação.

A corrida é organizada pela Linhares 3F e tem apoio da Prefeitura de Linhares, por meio da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer.

Viviane Mosé volta à Ufes com 'Um sim à vida'

Pensadora retorna ao lugar onde se formou com monólogo que une filosofia, poesia e dança

GIULIANO DE MIRANDA

giulianohistoria@hotmail.com

Nascida em Vitória, Viviane Mosé construiu uma trajetória que reúne filosofia, poesia, psicologia e psicanálise. Graduada em Psicologia pela Ufes e mestre e doutora em Filosofia pela UFRJ, tornou-se conhecida por aproximar questões complexas do cotidiano por meio de livros, palestras e participações na televisão e no rádio.

A pensadora capixaba retorna ao Estado no dia 19 de setembro, às 21 horas, para apresentar o monólogo "Um sim à vida", no Teatro Universitário da Ufes. Com direção de Lee Taylor, o espetáculo combina filosofia, poesia, teatro, dança e movimento e é inspirado nos livros "A espécie que sabe" e "Meu braço esquerdo" de Viviane Mosé.

Na entrevista a seguir, Viviane fala sobre o reencontro com o lugar onde iniciou sua formação intelectual e artística, a presença de sua história pessoal no palco e a reflexão que deseja provocar no público.

DIVULGAÇÃO



“O espetáculo é uma síntese do meu pensamento filosófico. Busco mostrar como esse pensamento sobre o mundo, a civilização e a vida pode servir como uma chave de interpretação para vivermos melhor”

VIVIANE MOSÉ, artista

ENTREVISTA

O que representa retornar ao Espírito Santo e se apresentar no palco da Ufes?

Voltar ao Espírito Santo, especialmente à Ufes, representa muito para mim. Saí de Vitória e me mudei para o Rio de Janeiro aos 27 anos. Entrei na Universidade Federal do Espírito Santo aos 17. Portanto, dos 17 aos 27 anos, foram dez anos de vida ativa em Vitória. Sou uma artista e uma pensadora capixaba. Eu me fiz em Vitória. Minha formação não ocorreu apenas no sentido universitário: a base intelectual e fundamental que utilizo até hoje veio de Vitória e da Ufes. Tudo o que fiz e ainda faço no Rio começou em Vitória. A vida que tenho e tudo o que trago nasceu em Vitória e na Ufes. Será um retorno ao lugar de onde vim: a Ufes. Sou da Ufes, sou filha da Ufes.

Como sua trajetória pessoal se transforma em matéria para o monólogo?

O espetáculo é uma síntese do meu pensamento filosófico. Busco mostrar como esse pensamento sobre o mundo, a civilização e a vida pode servir como uma chave de interpretação para vivermos melhor. Procuro oferecer uma chave para virar a vida para o outro lado. Não uma chave de porta, mas uma chave de fenda, uma ferramenta para inverter nossa relação com a vida, que tem sido tão difícil e negativa. O fundamento desse debate envolve outra maneira de nos relacionarmos com o sofrimento. A dor de existir é humana, mas a imensa alegria de existir também é. A trajetória pessoal que levo para o espetáculo trata das minhas dores mais profundas e de como ressignifiquei essas experiências para que não permanecessem em mim mágoa ou raiva de quem me fez algum mal. O espetáculo traz dores profundas da humanidade e também as minhas, mas revela a honra de existir, a grandiosidade da experiência da vida e a possibilidade de nos libertarmos das mágoas como uma forma de viver melhor.

De que maneira poesia e filosofia se encontram no espetáculo?

O espetáculo reúne poesia e filosofia, mas também incorpora a dança, que é muito importante. Abro e termino a apresentação dançando, além de dançar em outros momentos. O que danço é a permissão que concedo ao meu corpo para que a vida aconteça comigo naquele momento. São improvisos, gestos inéditos que surgem na hora, porque estou me permitindo dançar com a vi-



O monólogo é inspirado nos livros "A espécie que sabe" e "Meu braço esquerdo", de Viviane Mosé

da. Essa é uma parte importante do espetáculo: aprender a dançar com a vida. Não podemos controlá-la, mas podemos tirá-la para dançar e tentar acompanhar seu ritmo, deixando que ela nos conduza, porque é maior do que nós. Não se trata de uma aula. Sou uma artista em cena. Quando apresento a filosofia como artis-

ta, ela se torna muito poética.

Qual reflexão você espera despertar no público?

Espero proporcionar às pessoas uma nova experiência em relação ao pensamento: um pensamento que as atravessasse não apenas por meio da intelectualidade, mas também dos sentidos. Quero reativar nelas o corpo, a sensação, a pre-

sença e o gesto inédito de simplesmente existir aqui e agora. Ao mesmo tempo que conduzo o público a uma experiência do instante, também o levo a pensar e refletir sobre isso. Chamo essa experiência de "pensamento-corpo". Logo no início do espetáculo, convido as pessoas a exercitarem esse pensamento. Mais do que provocar uma reflexão filosófica, quero propor um novo posicionamento diante da vida, que não é exatamente a civilização. A vida é aquilo que recebemos quando nascemos e entregamos quando morremos. É uma experiência rara e inédita. Precisamos nos vincular novamente à existência, ao nascimento, à morte, à vida e à Terra, sem nos limitarmos aos jogos civilizatórios. Isso não significa negar a civilização, que é importante e nos proporciona coisas incríveis, mas reconhecer a necessidade de recuperar a intensidade, a vida e a alegria.

SERVIÇO

"Um sim à vida"

- ESPETÁCULO "Um sim à vida"
- ARTISTA: Viviane Mosé
- DIREÇÃO: Lee Taylor
- DATA: 19 de setembro
- HORÁRIO: 21 horas
- LOCAL: Teatro Universitário da Ufes



Viviane enaltece o ES: "sou uma artista e pensadora capixaba"

O expediente que não termina

Falar da gastronomia da madrugada é falar de pessoas, daqueles que trabalham enquanto a maioria dorme



RICARDO BODEVAN
@chefbodevan

Quem disse que o dia começa quando o sol nasce? Existe

uma parcela enorme da população que vive em outro relógio. Gente que trabalha enquanto a maioria dorme, que troca o dia pela noite por necessidade ou escolha, que termina o expediente quando as ruas começam a esvaziar ou que simplesmente não consegue dormir.

Existe também quem esteja vivendo uma fase em que o relógio biológico deixa de fazer qualquer sentido: pais e mães de recém-nascidos, por exemplo, que descobrem que três horas da manhã pode ser um excelente horário para preparar uma mamadeira e, por que não, procurar alguma coisa para comer.

A madrugada também tem sua gastronomia.

Nas grandes metrópoles, ela é quase uma instituição. Depois da balada, vem o sanduíche. Depois do plantão, o prato feito. Depois de horas dirigindo, aquele café forte acompanhado de alguma coisa quente. O caldo, a sopa, a coxinha, o cachorro-quente, o hambúrguer, a pizza, o pastel, o famoso "PF" e tantas outras comidas que parecem ter

um sabor diferente quando o relógio já passou da meia-noite.

Mas essa culinária não é exclusividade das grandes cidades. Aqui no Espírito Santo, a madrugada também tem seus sabores e seus personagens. Tem o trabalhador que começa o expediente quando o comércio fecha. Tem o cozinheiro que deixa o restaurante de madrugada. Tem o garçom, o motorista, o profissional da saúde, o segurança, o policial, o padeiro, o pescador e tantos outros que fazem parte dessa cidade que continua funcionando enquanto boa parte dela dorme.

E tem também a turma da vida noturna. Eles saem de uma festa, de um bar ou de uma balada e, antes de finalmente voltar para casa, precisam daquela última refeição. Porque há uma regra quase universal da noite: por mais sofisticado que tenha sido o jantar, às 3 da manhã sempre aparece espaço para alguma coisa que não estava nos planos.

Talvez seja justamente aí que esteja a graça da comida da madrugada. Ela não costuma exigir cerimônia. É uma comida mais democrática, mais espontânea, muitas vezes mais afetiva. É aquilo que conforta depois de uma longa jornada. É o prato que mata a fome quando o corpo já está cansado. É a comida que acompanha uma conversa na calçada, uma pausa no trabalho ou aquele mo-

mento em que finalmente a noite parece estar chegando ao fim.

Existe ainda uma outra madrugada, talvez a mais conhecida de todas: aquela dentro de casa. Quem já teve filho pequeno sabe que duas, três ou quatro da manhã podem ser horários completamente diferentes depois da chegada de um bebê. A geladeira vira restaurante 24 horas, o café vira combustível e qualquer coisa que possa ser comida com uma mão enquanto se segura uma criança com a outra passa a ser considerada alta gastronomia.

PESSOAS E PRATOS

Falar de comida de madrugada é falar muito mais do que de pratos. É falar de pessoas. Daqueles que trabalham enquanto dormimos. Dos que se divertem enquanto a cidade silencia. Dos que cuidam de alguém. Dos que dirigem pelas ruas vazias. Dos que estão começando o dia enquanto outros estão terminando a noite.

A gastronomia da madrugada existe porque a cidade nunca dorme completamente. E talvez seja justamente quando quase todas as luzes se apagam que algumas das cozinhas mais interessantes continuam acesas. Afinal, para quem vive de madrugada, o dia não termina quando o sol se põe. Às vezes, é ali que ele começa.



COLUNA DO VINHO

GUSTAVO DEBORTOLI || @gustavodebortoli

Por que a garrafa de vinho tem 750 ml?

Você já parou para pensar por que uma garrafa de vinho tem, quase sempre, exatamente 750 ml? Por que não 500 ml ou 1 litro?

DIVULGAÇÃO



A resposta pode ser mais interessante do que parece e envolve história, comércio, tradição e até a maneira como o vinho era produzido e transportado no passado.

A medida de 750 ml não nasceu de uma decisão recente nem foi escolhida porque seria a quantidade ideal para uma refeição. Sua origem está ligada principalmente à história das garrafas de vidro e à relação comercial entre França e Inglaterra.

Durante séculos, o vinho era transportado em barris. Quando passou a ser engarrafado em vidro, especialmente a partir do desenvolvimento de técnicas mais eficientes de produção, tornou-se necessário estabelecer padrões de tamanho para facilitar o comércio.

Uma das explicações mais conhecidas relaciona os 750 ml à capacidade dos antigos sopradores de vidro. Segundo essa teoria, uma garrafa desse tamanho corresponderia aproximadamente ao volume que um artesão conseguia produzir ao soprar o vidro de uma só vez. É uma explicação que, apesar de curiosa, não se sustenta com evidências históricas suficientes para garantir que essa seja definitivamente a origem da medida.

Outra hipótese está relacionada ao comércio entre Bordeaux e a Inglaterra. Como os ingleses utilizavam o galão imperial como unidade de medida, 750 ml permitiam organizar o transporte de maneira conveniente: uma caixa

tradicional com 12 garrafas correspondia a aproximadamente 9 litros, ou dois galões imperiais. Essa padronização teria facilitado o comércio e contribuído para a popularização do formato.

Independentemente da origem exata, o tamanho acabou se consolidando internacionalmente. Hoje, a garrafa de 750 ml tornou-se praticamente um padrão no mercado mundial, embora existam muitos outros formatos. Meias-garrafas de 375 ml, magnums de 1,5 litro e garrafas ainda maiores são utilizadas em diferentes situações.

Existe uma curiosidade: uma garrafa de 750 ml rende aproximadamente cinco taças de 150 ml. Isso ajuda a explicar por que esse tamanho se tornou tão conveniente para o consumo compartilhado — uma garrafa pode ser dividida entre algumas pessoas sem que o vinho precise ser armazenado por muito tempo depois de aberto.

Mais do que uma simples medida, os 750 ml representam um daqueles detalhes que atravessaram séculos e se transformaram em tradição. Hoje, quando seguramos uma garrafa de vinho, dificilmente pensamos na história por trás daquele número.

Mas talvez seja justamente isso que torna o vinho tão fascinante. Por trás de uma garrafa aparentemente comum existem séculos de cultura, comércio, tecnologia e costumes que continuam presentes em cada taça. Até mesmo os seus 750 ml contam uma história.

HOT DOG PAULISTANO

Ingredientes :

- 4 pães de cachorro-quente
- 4 salsichas
- 2 batatas grandes
- 1/2 xícara de leite
- 1 colher de sopa de manteiga
- 1/2 xícara de milho-verde
- 1/2 xícara de ervilha
- 1 tomate picado
- 1/2 cebola pequena picada
- 2 colheres de sopa de vinagre
- BATATA palha a gosto
- KETCHUP a gosto
- MOSTARDA a gosto
- MAIONESE a gosto
- SAL a gosto

Modo de fazer:

1. Cozinhe as batatas até ficarem bem macias. Escorra, amasse e leve ao fogo baixo com a manteiga e o leite, mexendo até formar um purê cremoso. Acerte o sal e reserve.
2. Prepare um vinagrete misturando o tomate, a cebola, o vinagre e uma pitada de sal.
3. Cozinhe as salsichas em água quente por alguns minutos. Escorra e mantenha aquecidas.



DIVULGAÇÃO

4. Abra os pães sem separar completamente as duas partes. Coloque uma camada generosa de purê, a salsicha e, por cima, milho, ervilha e vinagrete.
5. Finalize com ketchup, mostar-

da, maionese e uma boa quantidade de batata palha.

6. O grande charme do hot dog paulistano está justamente no exagero. É um lanche que não pede delicadeza: quanto mais recheado e crocante, melhor.

A AUTORIDADE DA SUA MARCA NO LUGAR CERTO!

Tecnologia, ESG, logística,
construção sustentável,
educação superior e inovação.
Os temas que transformam o
Espírito Santo são pautas na
coluna economia & mercado.



Vamos construir
a próxima pauta
juntos?



CONECTE-SE COM ESHOJE

ESHOJE[®]



Do impresso ao digital a gente te conecta com a notícia.

